ANAIS
Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras
www.sielli.ueg.br
POSLLI
Universidade Estadual de Goiás
09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

# A MULTIFUNCIONALIDADE DOS VERBOS *PEGAR* E *TOMAR* EM CORA CORALINA PELO VIÉS DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

# THE MULTIFUNCTIONALITY OF VERBS TO TAKE AND TAKE IN CORALINE CORA THROUGH THE BIAS OF THE CONSTRUCTION GRAMMAR

Rosania Gomes da Silva Domingues[1]
Déborah Magalhães de Barros[2]

**Resumo**:
Este trabalho analisa os verbos *pegar* e *tomar* nas obras de Cora Carolina e tem o objetivo de investigar sua multifuncionalidade à luz da Gramática de Construções. Ao adotar essa perspectiva teórica, consideram-se os níveis linguísticos da forma e do significado envolvidos na elaboração de construções com esses verbos. Também são considerados os processos de ordem cognitiva que propiciam os usos, sobretudo, o processo de metaforização. Para atingir o objetivo, utilizamos da pesquisa qualitativa para enquadrar os diferentes usos dos verbos *pegar* e *tomar* nas categorias pleno e suporte. As obras de Cora Coralina (2013a; 2013b, 2013c) são a base de dados para o desenvolvimento desse estudo. As bases teóricas usadas são a Linguística Centrada no Uso de Bybee (2006, 2010) e Neves (2018), que permitiram analisar o uso dos verbos em estudo em seus diferentes contextos de uso, além de analisar os processos cognitivos envolvidos no uso; a Gramática de Construções de Goldberg (2006) propiciou um estudo que considera a integralidade dos níveis linguísticos para a produção de enunciados significativos. A hipótese inicial para o desenvolvimento deste trabalho reside no fato de a língua ter uma base corporal para a construção de metáforas (Silva, 2005). Assim, como os verbos *pegar* e *tomar* têm uma forte relação com o corpo, essa relação pode servir de base para abstratização desses verbos e para a ampliação de seus contextos de uso e, dessa forma, das suas redes construcionais.

**Palavras-chave:** Verbos *pegar* e *tomar*. Cora Coralina. Metaforização. Gramática de Construções.

**Abstract:**
This work analyzes the verbs "pegar" and "tomar" in Cora Carolina's book and aims to investigate their multifunctionality in light of the Construction Grammar. In adhering this theoretical perspective, the linguistic levels of form and meaning involved in the elaboration of constructions with these verbs are considered. It is also considered the processes of cognitive order that enable the uses, mainly the process of metaphorization. To achieve the objective, we use qualitative research to frame the different uses of the verbs "tomar" and "pegar" in full and support categories. The works of Cora Coralina (2013a; 2013b, 2013c) are the database for the development of this study. The theoretical bases used are Bybee's Usage-based linguistics (2006, 2010) and Neves (2018), which allowed us to analyze the use of the verbs under study in their different contexts of use, in addition to analyzing the cognitive processes involved in the use; Goldberg's Grammar of Constructions

[1] Mestranda do curso de pós-graduação *stricto sensu* Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Cidade de Goiás. Email: professorarosaniagoias@hotmail.com.
[2] Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2016). Professora titular de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, onde é diretora de Campus (2018-2021) e atua no Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade. Email: deborah_barros@hotmail.com.

(2006) provided a study that considers the completeness of linguistic levels for the production of meaningful statements. The initial hypothesis for the development of this work lies in the fact that the language has a body base for the construction of metaphors (Silva, 2005). Thus, as the verbs "pegar" and "tomar" have a strong relationship with the body, this relationship can serve as a basis for abstracting these verbs and for expanding their contexts of use and, as consequence, their construction networks.

**Keywords:** Verbs pick up and take. Cora Coralina. Metaphorization. Construction Grammar.

## Introdução

Este artigo objetiva apresentar uma proposta de análise sobre a multifuncionalidade dos verbos *tomar* e *pegar* na poesia de Cora Coralina, com base numa visão construcionista para a mudança, conforme a Linguística Centrada no Uso (LCU). Nessa perspectiva, trabalhamos com os processos cognitivos apresentados por Bybee (2016), especialmente, o de metaforização que possibilita a abstratização dos verbos pesquisados, impulsionando-os a transitar entre as categorias de verbo pleno e verbo suporte, o que faz com que esses verbos, por terem seus usos expandidos, sejam frequentemente acionados nas amostras analisadas.

Conforme Goldberg (2006), numa abordagem construcional, construções são unidades simbólicas convencionais de forma e significado. Para Traugott e Trousdale (2013), as construções são organizadas em redes esquemáticas, o que possibilita que diferentes processos e usos influenciem novas construções. Nesta pesquisa, ainda como propõem os autores, compreendemos cada uma das categorias como sendo um nó na rede e supomos que é possível que um item passe a ser associado a um novo nó dentro da rede construcional, da mesma maneira que um item pode impulsionar a constituição de um nó que ainda não existe.

Para essa investigação, foram selecionadas como *corpus* de pesquisa, as obras *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2013a), *Vintém de Cobre* (2013b), *Histórias da Casa Velha da Ponte* (2013c), de Cora Coralina, por retratarem o legado da cultura goiana. Nessa condição, analisar os textos da autora significa considerar a língua dentro de um contexto social, histórico, geográfico e intercultural da língua que também é a base da abordagem funcionalista centrada no uso.

Dessa forma, respaldados pelos estudos de Bybee (2010; 2016) e Neves (2018) sobre a Linguística Centrada no Uso e de Goldberg (2006) sobre Gramática de Construções, formulamos as seguintes hipóteses sobre os diferentes usos das construções com os verbos *pegar* e *tomar* pelos falantes goianos:

> (01) A multifuncionalidade dos verbos *pegar* e *tomar* reside na capacidade criativa humana de utilizar processos cognitivos, sobretudo de metaforização para adaptar a língua às suas necessidades comunicativas;
>
> (02) Os verbos em estudo apresentam uma relação direta com o corpo, pois o corpo é o ponto de referência dessas ações. Além disso, esses verbos estão envolvidos em ações básicas: *requerer posse* de algo e *agarrar algo ou alguém; segurar*, por isso são acionados com frequência.

De posse dos dados pesquisados, corroborados pelo referencial teórico citado, verificamos que os verbos *tomar* e *pegar* são motivados a assumir a categoria verbo-suporte na fala goiana influenciados por fatores histórico-culturais e por diferentes processos cognitivos, especialmente o da **metaforização**. Esse processo é uma habilidade que o falante utiliza para atender a uma necessidade de conceptualizar o mundo, partindo de um conceito de base concreta, vinculado a alguma experiência sensório-motora, para um contexto de significação mais abstrata. (SILVA, 2014).

O processo de metaforização recebe a contribuição da **analogia**, que pelo seu princípio, novas formas surgem a partir de outras já existentes, no caso, com os verbos *tomar* e *pegar*, que aproximam um item do corpo. Todas as vezes que o falante necessitar descrever uma ocorrência na qual haja a aproximação do corpo, existe a possibilidade de que o indivíduo descreva essa nova ocorrência com esses verbos, como no exemplo citado por Oliveira (2018) sobre o verbo *tomar*. Para o autor, a construção *tomar ranço* – trazer ranço para próximo do referente, possivelmente, tenha sido formada a partir das construções: *tomar gosto* e *tomar ódio*.

Além da analogia, outro processo cognitivo que favorece a metaforização dos verbos em estudo é o ***chunking***, especialmente, por ele resultar da experiência da repetição. Um *chunk* é um processo cognitivo que possibilita a organização da memória, por ele ser criado a partir da fusão de *chunk*s menores presentes na memória e dar origem a um *chunk* maior. Dessa maneira, quanto mais um conjunto de *chunks* for acessado junto, mais fácil será a compreensão de um *chunk* maior. (BYBEE, 2016).

Os processos de metáfora, analogia e *chunking* envolvem diretamente dados resultantes das interações com o mundo, armazenados na memória. É por meio do processo cognitivo da memória enriquecida que os falantes estocam os feixes de exemplares provenientes de suas experiências linguísticas desde "detalhes fonéticos, [...] de itens lexicais e construções usadas, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico" (BYBEE, 2016, p.35)[3]. Desse modo, a **memória rica** é uma atividade cognitiva básica que atua em dois tipos de construções: as construções de verbo pleno e as construções de verbo suporte. Esses diferentes usos dos verbos *tomar* e *pegar* ocorrem por estarem envolvidos em atividades cotidianas de maneira regular e podem ser facilmente acessados no sistema cognitivo.

Os fatores extralinguísticos que podem motivar os diferentes usos dos verbos em análise, sobretudo os processos cognitivos, em especial a metáfora, serão abordados nesta pesquisa. Inicialmente, descrevemos, brevemente, as vertentes da LCU, assim como as características dos processos acionados pelo uso, os postulados da Gramática de Construções e das construções com verbo pleno e construções com verbo suporte. Após isso, apresentamos a metodologia de análise aplicada, explicitando o porquê do *corpus* apresentado. Finalizamos com a exposição de pesquisas que aplicam o aparato teórico da GC a fenômenos presentes na poesia coraliniana, que comprovam o dinamismo da língua motivado por forças de natureza cognitiva e comunicativa oriundas no uso interativo da língua.

[3] No original. "phonetic detail, [...] the lexical items and constructions used, the meaning, inferences made from this meaning and from the context, and properties of the social, physical and linguistic context". (BYBEE, 2010, p.33)

**Fundamentação teórica, metodologia, análises de dados e resultados**

Esta seção apresenta considerações sobre teorias linguísticas centradas no uso. Essas teorias defendem que a língua está a serviço da comunicação e que a estrutura linguística é emergente do uso. Para isso, dividimos essa seção em três subseções.

Na primeira subseção, apresentamos as teorias que alicerçam este estudo, sendo elas: a Linguística Centrada no Uso (BYBEE, 2010, 2016; NEVES, 2018) e a Gramática de Construções (GOLDBERG, 2006). Na segunda subseção, descrevemos o caminho metodológico utilizado e justificamos o porquê da escolha das obras de Cora Coralina como *corpus* de pesquisa. E, por fim, na terceira subseção, tratamos das análises e dos resultados obtidos ao longo da pesquisa.

**Aporte teórico: a linguística centrada no uso e a gramática de construções**

A Linguística Funcional fundamenta-se no preceito de que a linguagem é um processo de interação social. Nesse processo, as expressões linguísticas são compreendidas quando considerados todos os níveis linguísticos, não se restringindo apenas aos aspectos formais. A partir dos postulados de Neves (2018), entendemos que o Funcionalismo linguístico parte dos aspectos pragmáticos (situacionais) da língua, via semântica (sentido), para se chegar à sintaxe (sistema). Além disso, estudos recentes sobre a língua em uso têm mostrado que, no momento da interação, uma série de processos cognitivos são acionados. Com a aproximação dos pressupostos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva origina-se um novo termo: Linguística Centrada no Uso[4] (LCU), que será a base teórica para desenvolvimento desta pesquisa.

De acordo com Bybee (2016), na perspectiva da LCU, por mais que apresente regularidades, a língua é dinâmica, fluída, suscetível a variações e mudanças motivadas por forças externas, sejam de natureza cultural ou cognitiva. As mudanças linguísticas, derivadas de processos cognitivos, operam em múltiplos casos da língua com o intuito de que os falantes consigam representar, linguisticamente, a sua perceptualização e conceptualização do mundo. Dessa maneira, ainda de acordo com a autora, podemos compreender a língua como sendo um sistema adaptativo complexo, que tem como característica a variação e a gradiência.

A gradiência trata-se do processo de mudança que muitas categorias da língua ou da gramática sofrem de modo progressivo, migrando um elemento de uma categoria para outra continuadamente (BYBEE, 2016). Tomamos como exemplo a mudança dos verbos *tomar* e *pegar* da categoria plena para a de suporte, como em *tomar uma decisão* e *pegar doença*. Nas construções apresentadas, todos os elementos que acompanham os verbos são considerados como sendo parte deles, formando, assim, uma única construção. Embasando-se nas análises sobre o verbo-suporte realizadas por Oliveira (2018), tais construções, no que lhes concerne, podem, respectivamente, ser substituídas por *decidir* e *adoecer*.

Nessa condição, ao estudar a língua, mais uma vez, podemos concluir que o foco não deve incidir somente na estrutura, mas também nos processos cognitivos que a criam, tais como: a)

[4] Linguística Centrada no Uso - termo empregado por Martelotta (2011) para descrever a junção dos pressupostos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva.

categorização, b) a memória enriquecida, c) o *chunking* (agrupamento), d) a analogia e, e) a associação transmodal, assim como propõe Bybee (2016).

A categorização refere-se ao emparelhamento de identidade das palavras e não é discreta, pois um item pode pertencer a duas categorias ao mesmo tempo, ou mudar de categoria, assumindo novas funções (BYBEE, 2016). Essa mudança de categoria pode ser associada aos processos de *desbotamento, extensão* e *decategorização.*

Ainda referindo-se à categoria, Heine (1993) defende que quando um item passa a ser utilizado fora de seu contexto prototípico, há a possibilidade de que ele perca parte de suas propriedades semânticas (desbotamento). Quando isso acontece, também é possível que ele adquira novas propriedades (extensão) e, por consequência, pode passar a fazer parte de novas categorias (decategorização).

Todos esses conceitos de categorização são caros para o estudo dos verbos *tomar* e *pegar* nesta pesquisa, uma vez que abarcam todos os outros processos cognitivos de domínio geral. A fim de compreender esses conceitos referentes à mudança de categoria, tomemos como exemplo algumas construções com o verbo *dar*. Classificado como um verbo ditransitivo pela gramática funcional (NEVES, 2002), o verbo *dar* desempenha, em seu uso prototípico, a função de transferência de posse de um item retido no argumento1 para o argumento2, como podemos verificar em: **João deu uma bola para Maria**. No exemplo apresentado, o verbo consegue desempenhar sua função prototípica: de transferência de posse – [João] deu [uma bola] para Maria –. No entanto, alguns usos encontrados fogem desse padrão e o verbo passa a ser utilizado em contextos de transferência mais abstratos, podendo ser considerado mais uma experiência mental do que física, como em: **João [deu atenção] para Maria**; já em **João [deu uma febre]**, o uso do verbo *dar* denota uma experiência física, mas sem envolver dois participantes, normalmente o argumento interno da oração é uma enfermidade: nas duas ocorrências em que o verbo *dar* foge da função prototípica, é possível perceber um desbotamento semântico e, estruturalmente o verbo passa a ser analisado integrado a outras palavras, formando um único bloco significativo, assumindo uma nova categoria, a de verbo suporte.

Esses diferentes usos são impulsionados por uma necessidade do falante de conceptualização dos eventos do mundo e, para dar conta de criar essas novas construções, recorre a formas já existentes, estocadas na memória enriquecida.

Sobre memória enriquecida, Bybee (2016) assevera que se constitui nos exemplares como resultado de experiências vividas com a língua e que são arquivadas em formas de representações. Os falantes estocam detalhes fonéticos, estruturas, significados e interferências associados aos enunciados. Quanto mais uma forma é usada, mais forte ela fica na representação da memória, por isso a necessidade de categorização e da abstratização, caso contrário não conseguiríamos armazenar todo conteúdo proveniente de nossas experiências linguísticas na memória.

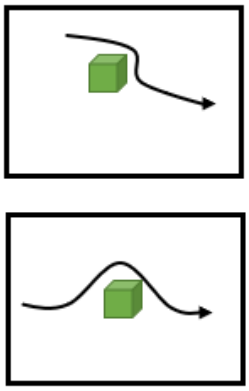
Também passa por categorização a analogia, processo pelo qual, segundo Bybee (2016), novas estruturas são criadas baseadas em estruturas já existentes e contribui para a metaforização. Adotemos como exemplo a construção *dar voltas*. Como já dito, compreendemos que:

> as construções linguísticas dependem do conteúdo conceptual que o falante deseja expressar, e, ao analisarmos a construção “dar voltas”, é possível que o falante

> realize analogias de aspectos da representação do movimento e transfira o significado para outro domínio cognitivo. (FLORES, 2020, p. 86)

A fim de compreender melhor essa ideia, tomemos como empréstimo a representação de um dos esquemas conceptuais possíveis, criado a partir de analogias, da construção [dar voltas] apresentado por Flores (2020, p. 86):

Figura 1: Possibilidade de esquemas conceptuais da construção CX: [Dar voltas]



Fonte: Flores, 2020, p. 86

De acordo com a análise realizada por Flores (2020), os esquemas imagéticos escolhidos para representar o constructo *dar voltas* conseguem integrar tanto a contorno oblíquo do objeto, primeiro esquema, quanto o contorno por cima do objeto, segundo esquema, sendo que o objeto é representado pelo quadrado e a seta representa o percurso realizado por quem interage com o objeto. Por meio desse processo de analogia, o falante passa a conceptualizar ideias concretas em contextos abstratos promovendo, assim, a metaforização.

O processo de metáfora, conforme Neves (2018), é um mecanismo natural pelo qual conceptualizamos a nossa experiência legitimando socioculturalmente domínios menos e mais acessíveis, intersubjetivamente. A partir dessa ideia, Heine; Claudi; Hünnemeyer (1991) citados por Silva (2005, p. 43) afirmam que dois tipos de metáforas são distinguidos:

> A primeira está relacionada às figuras de linguagem, em que uma expressão nova é formada com uma predicação "falsa" e envolve violação de regras semânticas e conceituais, tal como fazem os poetas e prosadores. A segunda é chamada metáfora emergente. Nela, um item ou expressão é produzido sobre predicações já existentes em contextos e situações novas.

A metáfora pesquisada neste trabalho é a emergente, uma vez que a proposta é compreender os novos usos dos verbos *tomar* e *pegar*, a ponto de mudarem de categoria. A fim de compreendermos melhor essa ideia, tomemos também como empréstimos os exemplos citados por Lakoff (2002, p. 17) apud (Silva, 2005, p. 44): "não consigo tirar essa música da minha cabeça" ou "sua cabeça está

recheada de ideias interessantes", ambos os exemplos nos levam a pensar na metáfora de que "a mente é um recipiente".

A proposta funcionalista, como já foi dito, admite a possibilidade de a língua estar sujeita às pressões do uso e, nessa perspectiva, mudar de categoria: função e, consequentemente, sentido. Conforme Neves (2018, p. 183):

> a análise das mudanças semânticas pode ser feita numa leitura metafórica, segundo o arranjo linear das categorias conceptuais. Heine et al. (1991ª, 1991b) propõem o seguinte arranjo de categorias conceptuais, no qual cada categoria pode ser conceptualizada em relação à categoria precedente, resultando naquilo que esses autores chamam de "metáforas categoriais": Pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.

Dessa maneira, é compreensível que muitas das representações linguísticas partam de situações concretas para outras menos concretas, considerando a experiência dos sujeitos, por isso alguns significados são metafóricos e só podem ser compreendidos em contextos específicos de uso, ou seja, algumas expressões linguísticas utilizadas no contexto goiano só são compreendidas com facilidade pelos sujeitos que compartilharem a mesma experiência linguística. Por isso, Givón (1995, p. 72) apud (Neves, 2018, p. 182) recorrendo a Aristóteles e à noção de analogia, "[...] coloca o elemento-chave da metáfora no contexto: são os julgamentos imediatos que ocorrem durante a comunicação viva que conduzem a produção e a captação metafórica de significados." Para dar conta de defender o seu ponto de vista, o falante acessará a sua memória enriquecida a fim de buscar sequências de palavras entrincheiradas na mente e, frequentemente, usadas e, por meio de um processo criativo, fará uso de novas formas linguísticas. Esse entrincheiramento de diferentes itens na estrutura da língua, podendo esses serem analisados como sendo uma única construção, é o que Bybee (2016) denomina *chunking*. Para Casseb-Galvão e Bagno (2017) um *chunk* trata-se de um processo cognitivo decorrente de uma repetição de uso de um conjunto de palavras e/ou morfemas, como já foi possível observar nas ocorrências com o verbo *dar* e *tomar* na categoria suporte ao longo da pesquisa.

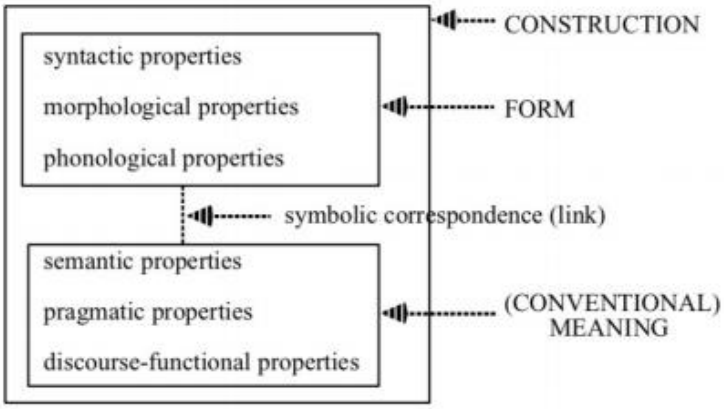
A lista de processos de domínio geral também inclui a capacidade para fazer associações transmodais que fornecem o elo entre o significado e a forma. Nesse processo, diferentes processos cognitivos são ativados simultaneamente para que seja possível a construção do significado. Em *tomar banho*, por exemplo, é a capacidade de depreender o desbotamento do verbo *tomar* e sua junção com o sintagma *banho*, de relacionar os processos sintáticos, semânticos e pragmáticos, que tornam possível compreender a construção como um todo.

Compreendendo, então, que um dos fatores extralinguísticos que motiva a mudança de categoria dos verbos *tomar* e *pegar* são os processos cognitivos no momento da interação, é que recorremos ao modelo descritivo da Gramática de Construções.

A Gramática de Construções, como estabelece Goldberg (2006), considera que a estrutura da língua é reflexo do uso de seus usuários e, esses usos se dão por meio de construções. Uma construção pode ser abstrata, parcialmente fixa e parcialmente preenchida e ter como unidade básica outras construções, que por sua vez, independem de seu sentido.

Uma construção, nos parâmetros construcionais, é referente ao pareamento entre a forma e a função, entre o polo da fonologia, morfologia e sintaxe e o polo da semântica, pragmática e discurso. Esses dois polos são ligados por meio de um elo simbólico convencionalizado pelo uso entre os falantes de uma comunidade, como mostra o esquema a seguir apresentado por Croft (2001, p. 18) citado por Flores (2020, p. 24):

Figura 2: Esquema do pareamento forma e função.




Fonte: Croft (2001, p. 18) *apud* Flores (2020, p. 24)

Traugott e Trousdale (2013) defendem que as construções se associam em suas categorias por meio de elos em um sistema de pirâmide; quanto mais abaixo na rede formada, mais específica uma construção é. Em contrapartida, quanto mais alta na rede, mais abstrata/esquemática. As categorias formadas em uma rede construcional são denominadas de nós e, na mesma perspectiva do grau de prototipia e da decategorização, é possível que um item passe a integrar um novo nó dentro da rede construcional, da mesma forma que um item pode motivar a formação de um nó ainda não existente.

Ao tratar das diferentes categorias como nós numa rede cognitiva, Traugott e Trousdale (2013) chamam a atenção para a diferenciação entre cada uma das movimentações desses nós, assim como, para o surgimento de um novo nó. Essas movimentações são compreendidas aqui como sendo mudanças na língua. Para as autoras, quando a mudança ocorre em apenas um dos subcomponentes da construção, ou seja, apenas na forma, ou apenas no significado, temos uma mudança construcional. Entretanto, quando a mudança ocorre tanto na forma quanto no conteúdo, temos uma construcionalização, que representa um novo nó formado a partir do pareamento entre a forma e a função.

Nesta análise, utilizaremos da perspectiva de Givón (2001) sobre a estrutura argumental dos verbos para determinar, no *corpus* de Cora Coralina, quais os domínios cognitivos que motivam os verbos *tomar* e *pegar* na sua forma plena a passar por um processo de desbotamento e ser considerado verbo suporte.

Por verbos como tendo sentidos plenos, ou verbos plenos, como defendem Ilari e Basso (2014), entendemos que sejam os verbos que tenham uma alta carga semântica, e que constituem individualmente o predicado. Mesmo que dependamos da análise de seus argumentos para entendê-

los como plenos, podemos dizer que esses verbos são conceptualmente menos integrados do que os verbos-suporte empregados em suas construções, visto que as construções com o verbo-suporte, para atingir o seu todo significativo, dependem da contribuição semântica das partes.

Já os verbos-suporte, como defende Neves (2011), são verbos que já passaram por um processo de mudança, sofreram um esvaziamento e são mais integrados ao sintagma nominal para adquirir significado.

A partir da noção de que a língua é motivada pelo uso e orientada para processos que vão para fora da mente, para o domínio da interação comunicativa, e o termo cognitivo envolve uma orientação para estruturas e processos mentais (NEVES, 2018), é que nos propusemos a compreender os fatores extralinguísticos, em especial, os processos cognitivos citados por Bybee (2016), sobretudo o da metaforização, que motiva os verbos *tomar e pegar* a ampliar seus usos, passando então a ser reconhecido como uma construção suporte.

Seguem os aparatos metodológicos utilizados para essas análises.

**Metodologia**

Este trabalho tem como principal perspectiva teórica o Funcionalismo Centrado no Uso, bem como seu modelo de gramática – Gramática de Construções.

No que diz respeito à metodologia, para realizar esta pesquisa, adotaram-se como *corpus* as obras *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2013a), *Vintém de Cobre* (2013b), *Histórias da Casa Velha da Ponte* (2013c) de Cora Coralina. Foram analisadas qualitativamente, a partir da seleção de 9 inquéritos, sendo 5 (cinco) referentes ao verbo *tomar* e 4 (quatro) ao verbo *pegar.* Optamos por utilizar a obra de Cora Coralina por ser um *corpus* local que valoriza a cultura e apresenta amostras de falas que são cultivadas na região goiana.

No que se refere aos aspectos teóricos, contamos com orientações e conceituações de Bybee (2016) e Neves (2018) que nos possibilitaram analisar os aspectos cognitivos que norteiam os diferentes usos do verbo em estudo; a Gramática de Construções, de Goldberg (2006) e a mudança, de Traugott e Trousdale (2013). Foram considerados alguns trabalhos já realizados em ótica similar como o de Oliveira (2018) e o de Flores (2020).

**Análises e resultados**

Esta seção tem o intuito de apresentar a exposição de 9 (nove) inquéritos de poemas das obras de Cora Coralina (2013a, 2013b, 2013c), sendo 5 (cinco) relativos ao verbo *tomar* e 4 (quatro) ao verbo *pegar*. As ocorrências com esses verbos têm por objetivo comprovar que as mudanças da língua são procedentes no processo de interação da linguagem, considerando aspectos culturais e cognitivos.

As gramáticas de base formalista tendem a estudar esses verbos, somente a partir da significação da categoria plena: Tomar - *requerer a posse de algo* ou *apropriar-se dele,* Pegar - *Agarrar algo ou alguém; segurar.* Tais análises desconsideram a interferência de fatores externos a língua, bem como a organização criativa de processos cognitivos motivados na interação. A partir dessa lógica, é que propusemos, nessa pesquisa, a investigação dos processos de domínios gerais que

nos levam a criar novos usos para os verbos em estudo, fazendo-os assumir novas funções, como podemos verificar nas ocorrências (01), (02) e (03):

> (01) Um dia, Preto velho, resto de servidão ficou doente, muito mal para morrer. Gente piedosa, gente inzoneira. Gente ardilosa da cidade **tomou conta** do Negro velho. (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso.)
>
> (02) Gente da lavoura, carregando suas compras, sacos ajoujados. As mulheres, com cestas e crianças, **tomavam conta** das cadeiras**,** ocupavam as mesinhas com seus embrulhos e, tranquilamente, desabotoavam o vestido, tiravam o seio e davam de mamar aos filhos. (CORA CORALINA, 2013c, grifo nosso.)
>
> (03) Deu foi trabalho prá Siá Norata. Como ela não tinha filhos e o marido já estava "em bom lugar'', **tomou amizade** ao sobrinho e fez o possível para ele arribar, e arribou mesmo. Arribou e entrou na escola, já taludo. (CORA CORALINA, 2013c, grifo nosso.)

Na ocorrência (01), *tomou conta*, o verbo *tomar* foi utilizado fora do seu sistema prototípico de verbo pleno, há uma integração entre os elementos mobilizados na construção semântica resultante da soma das partes. Nesse viés, *tomou conta* é equivalente a *cuidar*, assim, segundo Neves (2011), pode-se considerar a construção, nessa ocorrência, como uma construção com o verbo-suporte.

Esse processo de deslocamento de uso da categoria plena para a de suporte, é possível, pois os processos da analogia e da criatividade linguística permitem que uma nova forma surja a partir de construções já existentes, possibilitando, assim, a abstratização do verbo, que por um processo metafórico, passa a assumir a ideia de trazer um corpo para si e esse corpo precisa ser cuidado.

Além disso, o princípio da prototipia não limita um item a ser pertencente de uma única categoria, desde que ele compartilhe características suficientes com membros de outras categorias. Nesta condição, a ocorrência (01), mesmo pertencendo à categoria suporte, tem como traço comum em relação à plena, a aproximação, o fato de referir-se ao corpo: *cuidar* do outro.

Em (02), apesar da construção ter uma estrutura igual a *tomar conta*, elas têm sentidos distintos. A ideia é de *ocupar* as cadeiras, assim como fizeram com as mesas. A representação é de que um corpo ocupou um espaço, no caso, a cadeira. Nesse caso, mais do que nunca, faz-se necessário levar em consideração o contexto de uso/produção para distinção dos sentidos. É a intencionalidade do falante que fará com que ele categorize as formas linguísticas necessárias para que, por meio de um processo criativo, dê conta de manter a comunicação.

Em *toma amizade*, na ocorrência (03), temos a representação de uma forma de afeição, um sentimento. Uma senhora se afeiçoou pelo sobrinho e tomou para si a responsabilidade motivada por um sentimento de amizade. Mais uma vez, é importante compreender que mesmo os verbos-suporte apresentando um esquema estrutural semelhante, os sentidos de cada agrupamento são diferentes um do outro. Ainda sendo possível identificar uma semelhança semântica, não terão sentidos intercambiáveis. Tomemos novamente, como o exemplo *toma amizade*, que seguindo o esquema: V + SN, poderia dar origem a *tomar ódio, tomar gosto*. Essas novas construções, possivelmente, foram criadas por meio de um processo de analogia. De acordo com Barros (2016, p. 63) "normalmente, as

novas formas são baseadas em semelhanças semânticas e fonológicas com formas anteriores.” Nos exemplos apresentados, existe a possibilidade de as novas construções terem sido criadas baseando-se nos dois aspectos, pois quando pensamos, por exemplo, em *toma amizade*, podemos pensar também em *toma gosto*, como sendo apenas uma forma menos intensa ou mais suave de afeição.

Recorrendo ao contexto da cidade de Goiás que surgiu durante o ciclo do ouro a partir exploração dos bandeirantes em busca de índios para o trabalho escravo e de metais preciosos, constatamos que para a captura dos índios fez-se imprescindível a presença dos jesuítas, representantes da igreja católica e, como herança deles, cultivamos o hábito de “pedir a bênção”, como podemos ver na ocorrência abaixo.

> (04) Da janela da casa velha da ponte, todo dia, de manhã **tomo a bênção** do rio:
> _ Rio Vermelho, meu avozinho, dá sua benção para mim. (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso.)

Em (04), *tomar a bênção*, significa pedir a bênção. Mais uma vez, é possível observar um esvaziamento no sentido do verbo *tomar* como pleno. De acordo com o dicionário Houaiss *Online* (2020), abençoar significa “dar proteção, converter em algo benéfico, providenciar auxílio”. Nessa condição, o corpo recebe uma bênção, uma proteção.

As memórias contadas por Cora Coralina, *corpus* desta pesquisa, surgem a partir do contato com o Rio, inicialmente para exploração do ouro e na ocorrência, o rio é humanizado pelo processo de metáfora. E, traços da categoria avó como figura capaz de abençoar e emitir proteção são expandidos para o rio. Percebe-se explicitamente uma relação de afetividade com o rio também pelo uso da expressão no diminutivo: “avozinho”. Aqui é possível perceber uma metaforização estilística– o rio é personificado – torna-se avô – e uma gramatical (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER,1991), no momento que o verbo *tomar* sai da categoria plena, e a construção como um todo, *tomar benção*, passa a ter o sentido de abençoar.

Em (05), a autora confirma uma das hipóteses levantadas sobre a expansão do uso do verbo *tomar:* estar envolvido em uma ação básica e, consequentemente, ser usado com frequência:

> (05) Por dá-cá-aquela-palha, ralhos e beliscão. Palmatória e chineladas não faltavam. Quando não, sentada no canto de castigo fazendo trancinhas... "**Tomando propósito**". Expressão muito corrente e pedagógica. (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso.)

Na ocorrência *tomando propósito*, o sentido do verbo *tomar* passou por um desbotamento semântico e passa a significar objetivar-se, educar-se. Mesmo sabendo que a ação pretendida será conquistada a longo prazo, o corpo deverá representar rapidamente a ação. Considerando o tempo, podemos entender que o corpo é um instrumento que pode ser “ajeitado”, “endireitado” de maneira célere.

Ainda na ocorrência (05), o próprio eu lírico afirma que a construção em análise é “muito corrente”, confirmando, assim, a ideia de que um dos fatores que favorecem o surgimento das

construções com os verbos em análise é o fato de esses verbos estarem envolvidos em ações rotineiras, realizadas frequentemente.

É importante lembrar que essa característica impulsiona o surgimento de uma construção que foge da sua função prototípica graças, especialmente, ao processo da memória enriquecida que fornece os subsídios básicos, para que, usando da analogia e do *chunking*, seja possível abstratizar o verbo e dar origem a uma construção com sentido metafórico.

Uma outra característica do verbo suporte é poder ser substituído por um verbo pleno com sentido semelhante, como podemos verificar nas ocorrências (06) e (07):

> (06) Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro[5]/ e **pega** na gente (CORA CORALINA, 2013b, grifo nosso.)
>
> (07) Na passagem do carandazal a boiada parada, deitada, muge, baba, lambe os cascos.
> _ **Pegou febre.** (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso.)

Na ocorrência (06) é possível recuperar o complemento do verbo, Cieiro, e o significado do verbo passa a ser o de *contrair a doença*, assim como na ocorrência (07). Essa capacidade de substituição do verbo suporte por outro verbo com sentido semelhante comprova o que Cuenca e Hilfert (1999) propõem sobre um item poder pertencer a diferentes categorias. As construções (06) e (07) poderiam ser substituídas pelo verbo *adoecer*.

Em (08) também podemos verificar a possibilidade de substituir o verbo-suporte *pegar nome* por um pleno, *nomear*, sem prejuízo semântico:

> (08) Ninguém sabia porque ela tinha **pegado nome** de gente, acrescido de dona. Era Dona Otília. Até os trabalhadores que iam ao quarto dos arreios buscar qualquer pedaço de corda, velhas ferramentas, achavam graça nela. (CORA CORALINA, 2013b, grifo nosso.)

Como já dito, as construções são frutos de processos cognitivos que se encontram estocadas na mente do falante e que, de acordo com a necessidade comunicativa do falante, são acessadas para a formulação de novos enunciados, novas construções. No entanto, conforme o modelo construcional de Trougott e Trousdale (2013), essa mudança pode ocorrer na forma e no significado ao mesmo tempo (construcionalização), ou apenas na forma ou apenas no significado (mudança construcional). Nas ocorrências (06), (07) e (08) é possível perceber que o verbo *pegar*, ao perder algumas de suas propriedades semânticas e ao ser analisado como uma construção-suporte, passou por um processo de construcionalização. Nesse sentido, o entrincheiramento entre o verbo *pegar* e o sintagma nominal dá origem a uma nova construção com o verbo *pegar*, deixando de ser apenas *pegar* para ser analisado como [*pegar* + SN]. Entretanto, se realizarmos uma análise comparativa entre as três ocorrências em

[5] Cieiro - Pequena fenda em sentido linear, que se abre na pele ou nas mucosas sob o efeito do frio, de ácidos etc. – Disponível em: www.dicio.com.br/cieiro. Acesso em: 12 jan. 2021.

questão, verificamos que houve alteração apenas no significado e que a forma permanece a mesma [*pegar* + SN]; ocasionando então uma mudança construcional.

Segundo Croft (2001) citado por Cezario e Santos (2017), de acordo com a Gramática de Construções, "a noção do nosso conhecimento de linguagem é capturada por uma rede conceptual de construções". A rede refere-se a um sistema de entidades interconectadas (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Desse modo, podemos entender cada um dos usos das construções com o verbo *pegar* como um nó nessa rede cognitiva. Assim, quanto mais frequente for o uso da construção, maior será a possiblidade dela migrar dentro da rede e dar origem a um novo nó, ou mesmo apresentar traços semelhantes de outras construções. No caso das construções com o verbo *pegar*, apesar do uso mais comum ser o da categoria plena, ele tem como traço comum, em relação a construção-suporte, o traço de aproximação com o corpo. No caso das ocorrências (06), (07) e (08), além de também manterem como característica comum a aproximação com o corpo, a estrutura sintática também é semelhante.

Uma outra característica das construções, como afirma Goldberg (2006), é que elas são aprendidas com base nas experiências de mundo do falante. Logo, a construção *pegar nome*, em (08), provavelmente, só será compreendida de maneira produtiva se considerada dentro de um contexto em que os falantes compartilham as mesmas experiências linguísticas. Levando em conta as construções-suporte com o verbo *pegar* no sentido de adoecer, *pegar nome* parece até dar origem a uma ironia, considerando que, normalmente, compreendemos um nome como sendo algo atribuído, recebido.

A partir dessa ideia, mais uma vez, é possível reconhecer a construção-suporte como sendo produto da criatividade humana, já que, para atender a uma necessidade de comunicação no processo de interlocução, o falante é capaz de transferir um conceito de um domínio cognitivo para o outro, fazendo com que esse conceito assuma um sentido diferente. De acordo com Flores (2020), as construções-suporte pertencem os seguintes domínios: movimento, tempo, eventos naturais e condições de saúde, como já foi possível comprovar nos exemplos anteriores. Segue uma construção com o verbo *pegar*, que teve o seu sentido desbotado e passou a indicar movimento.

> (09) Dois mil e quinhentos bois consignados. Dois golpes **pegando estrada**. Mil duzentos e cinquenta cada. (CORA CORALINA, 2013a, grifo nosso.)

A construção *pegar a estrada* representa uma metáfora de movimento, caso sejam considerados todos os elementos que a compõe de maneira entrincheirada, e levando em conta o contexto, no caso, uma boiada está sendo guiada, ou melhor, *pegando a estrada*.

A partir da análise das ocorrências elencadas foi possível comprovar as hipóteses levantadas sobre os diferentes significados que as construções com os verbos *tomar* e *pegar* podem assumir em seus contextos de uso, assumindo, inclusive, uma nova função, construção-suporte. Esses novos significados e essa nova função são possíveis devido aos diferentes processos cognitivos que são acionados no momento da interação, sobretudo a analogia, a metáfora, o *chunking,* a memória rica e a associação transmodal. Todos esses processos são acionados concomitantemente na rede mental, como prevê a Gramática de Construção, o que faz com que seja possível ao ser humano usar sua capacidade criativa, linguisticamente.

**Considerações finais**

Neste artigo, buscamos confirmações para a hipótese de que a multifuncionalidade dos verbos *tomar* e *pegar* reside na capacidade criativa do ser humano de conceptualizar os eventos do mundo, assim como, a hipótese de que, por serem verbos que têm uma forte relação com o corpo e estarem envolvidos em ações básicas: *requerer posse* de algo e *agarrar algo ou alguém; segurar* são acessados com frequência e, desse modo, são motivados a mudar de categoria. Por isso, buscamos pesquisar quais os processos cognitivos propostos por Bybee (2016), em especial a analogia, a metáfora e a memória rica, que estão envolvidos na ampliação dos usos dos verbos em estudo, valendo-se da LCU e da proposta descritivista da Gramática de Construções.

A partir das análises realizadas, verificamos que as mudanças na língua são motivadas por fatores de ordem cognitiva e social, com o intuído de garantir a comunicação no momento da interação.

Para suporte referencial exemplificativo, as obras de Cora Coralina representaram um laboratório de usos e costumes linguísticos típicos da região goiana e foram produtivas para esta pesquisa.

Ao longo da análise foi possível perceber que muitas das construções com os verbos *tomar* e *pegar* passaram da categoria plena para a de suporte, motivadas por costumes, ou como dito já na ocorrência (05), serem expressões "correntes", que ao se tornarem frequentes, acionam diferentes processos cognitivos. No momento da interação, a fim de garantir a comunicação, os processos cognitivos são mobilizados, impulsionando o indivíduo a conectar a memória rica, que guarda após realizada a reprodução por analogia e metaforização, novas construções, frutos da criatividade linguística inerente ao ser humano, justificando os diferentes usos dos verbos *tomar* e *pegar*.

Os resultados deste trabalho podem auxiliar os estudos sobre a expansão das categorias verbais pelo viés da Gramática de Construções, tendo em mente que a língua tem um caráter dinâmico (BYBEE, 2016) e que suas formas variam de acordo a necessidade do falante no momento da interação, por isso leva em conta características socioculturais.

**Referências**

BARROS, Déborah Magalhães de. **Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Língua e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BYBEE, Joan L. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan L. **Língua, uso e cognição.** Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASSEB-GALVÃO, V. C. e BAGNO, M. Mudança Linguística. In: Görski, E. M. (et al.). **Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CEZARIO, Maria Maura: SANTOS, Monique Petin K. Estudo Cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE] conect no Português. **Gallecia**. Estudos da linguística portuguesa e galega. Universidade de Santiago de Compostela. 2017. ISBN 978-84-16954-41, pp. 959-974.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** São Paulo: Global, 2013a.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre**. São Paulo: Global, 2013b.

CORALINA, Cora. **Histórias da Casa Velha da Ponte.** São Paulo: Global, 2013c.

FLORES, Eduardo Almeida. **A construção-suporte no português brasileiro**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2020.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization:** a conceptual frameworw. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries, cognitive forces, and grammaticalization.** New York: Oxford University Press. 1993.

GIVON, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVON, T. **Syntax:** a functional-typological introduction. V. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work:** The nature of generalization in language. New York: Oxford University Press, 2006.

**HOUAISS** - Dicionário *Online* de Português. Disponível em: www.dicio.com.br/cieiro. Acessado: 12 jan. 2021.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O Verbo. In: ILARI, Rodolfo; (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil:** palavras de classe aberta. V. 3. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins, 2018.

OLIVEIRA, Cleiton Ribeiro. **Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-Go**. Dissertação de mestrado. Programa

de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2018.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, José Romerito. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Os usos do "até" na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.